

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**

**ESCOLA DE ENFERMAGEM**

**NUPEQS \* Núcleo de Pesquisas e Estudos  
sobre Quotidiano em Saúde**

***Sub Grupo História Oral***

***A História da Escola de Enfermagem Carlos  
Chagas***

**LYGIA QUEIROZ GUIMARÃES**

***Belo Horizonte***

***Minas Gerais***

## SUMÁRIO

### Traços Biográficos

## LYGIA QUEIROZ GUIMARÃES

*Nasceu em Carandaí, Minas Gerais, em 13 de junho de 1910. Morou em várias localidades de Minas Gerais devido a profissão do pai que era funcionário da rede ferroviária. Iniciou o primário aos cinco anos de idade como ouvinte e concluiu o curso normal aos dezessete anos. Lecionou durante dez anos no Colégio Olegário Maciel, em Belo Horizonte*

*Morou na cidade do Rio de Janeiro durante dez anos devido o emprego do marido, período no qual ficou sem trabalhar fora de casa. Retornou a BH e decidiu voltar a trabalhar no mesmo colégio em que havia trabalhado, o que não foi possível porque as admissões eram feitas por concurso público. Por indicação do então secretário de Educação, Abgar Renault, foi encaminhada ao secretário de saúde, Baeta Vianna. A pedido deste dona Lygia foi admitida como secretária da Escola de Enfermagem Carlos Chagas durante gestão da irmã Helena Maria Villac, em 1949. Considera esta última a melhor das diretoras do seu período de convivência na escola.*

*Descreve sua função de secretária com sendo a responsável pelas correspondências, relatórios e alguns arquivamentos de documentos das alunas.*

*Acompanhou o período de construção do atual prédio da escola e as dificuldades financeiras enfrentadas durante o período de sua anexação à Faculdade de Medicina. Aposentou-se em 1970, passando a dedicar o seu tempo aos familiares.*

## SUMÁRIO

### LADO A

A cidade natal; a infância e a adolescência; a vida nômade;; as cidades onde morou; os cursos feitos e as escolas que freqüentou; a vinda para Belo Horizonte (BH) para trabalhar; o trabalho no banco Comercial, o trabalho na escola Olegário Maciel como professora; a remoção do seu marido para o Rio; o retorno à BH depois de 10 anos; a procura de um emprego; a ajuda do Dr. Baeta Viana então secretário da saúde; a sua entrada na Escola de Enfermagem Carlos Chagas (EECC); o primeiro dia de trabalho como secretária na E.E.C.C.; local de funcionamento da escola; a dificuldade de relacionamento com os funcionários no início do trabalho; a amizade com a dona Rosa; o luto pela morte da mãe; o tipo de serviço que executava; comentários sobre Marina Resende; a amizade com as alunas; a diferença entre irmã Fiúza e Villac; a personalidade da irmã Clarízia.

### LADO B

O relacionamento com os funcionários da escola; a construção da atual escola; a história da medalhinha referente à construção do prédio atual; o empenho da Irmã Emília na construção; a mudança para a novo prédio; o funcionamento do internato; as professoras que moravam no internato; os professores da medicina que davam aula na escola; a secretaria no novo prédio; a ausência da solenidade de inauguração da escola; as pequenas comemorações; suas funções na secretaria; os trabalhos particulares que fazia para as professoras; as solicitações às autoridades como parte do seu trabalho; a ida de Nilza como secretária da EECC; a relação profissional com os colegas e com os professores; a aposentadoria em 1970; as perdas salariais; o seu relacionamento com a irmã Emília; as boas lembranças da escola, das alunas, dos funcionários; a sua visão da enfermeira; a vida de aposentada

## LADO A

LYGIA: Lygia Queiroz Guimarães. Lygia com y do tempo de Dom Pedro. (risos)

GERALDA: Do tempo de Dom Pedro. Lygia com y. A senhora nasceu foi quando dona Lygia?

L.: Quando?

G.: Quando e onde que a senhora nasceu?

L.: Olha eu nasci numa estaçãozinha chamada Pedra do Sino, mas fui registrada em Carandaí, de maneira que quando perguntam de onde eu sou eu tenho que falar que eu sou de Carandaí, mas que eu nasci mesmo foi numa estaçãozinha. Meu pai era agente da central, sabe, e estava com a gente lá e lá que eu nasci em 1910, por aí você vê a minha idade.

VALDA: Linda a idade.

L.: Linda (risos) sobreposição de vozes ao fundo

G.: Estado civil da senhora, estado civil?

L.: É um palavrão (risos) viúva.

G.: Viúva. Filhos?

L.: Dois.

G.: Dois filhos

L.: Um casal.

G.: Dona Lygia fala um pouco pra gente dessa vida, da infância da senhora lá em Pedra do Sino, ou em Carandaí como é que foi essa infância da senhora, adolescência junto com a família, com os pais da senhora

L.: Mas isso vai pro livro? (risos)

G.: O que a gente achar que foi importante no momento.

L.: Minha filha eu, eu não tive uma infância definida num lugar não porque como eu disse meu pai era agente da central do Brasil e estava sempre se mudando. Eu me lembro bem quando eu tinha 4 pra 5 anos nós morávamos em Mariana num daqueles sobrados, é, sobrados eram pregados um no outro, né, éramos vizinhos assim de parede do [próprio] Afonso de Guimarães, sabe, eram muito amigos, mamãe conversava com a senhora dele pela, pela varanda e a minha irmã, bom isso não interessa pro livro. A

minha irmã foi estudar e eu queria ir também mas com 5 anos não podia, né, então o papai arranjou com a diretora pra eu ir e não ser aluna, ser ouvinte só então ela me punha lá num lugarzinho, e eu ficava só escutando. Quando cheguei um dia lá em casa papai chegou com uma jornal eu peguei o jornal e li, ele disse uai, ele falou com a professora ela então começou a falar e eu escrevia e lia igualzinha as outras, sabe, mas abandonadinha lá como ouvinte. (risos)

V.: No cantinho.

L.: É, bem no cantinho, bem no cantinho isso é uma coisa que eu me lembro porque o papai ficou muito surpreso, ficou surpreso, sabe, não interessa a escola, depois de...

G.: Aí que cursos que a senhora continuou fazendo depois disso que a senhora começou...

L.: Oh, não aí eu não fiz curso nenhum, né, e aí nós mudamos para Vespasiano. Em Vespasiano eu ainda tinha 5 anos porque de 5 pra 6, ficamos lá uns, um ano só, papai foi para Santa Bárbara. Santa Bárbara eu fiz um pouquinho do primário, três, papai me trouxe para Belo Horizonte aí eu me matriculei no grupo Olegário Maciel, e fiz e terminei o primário lá ainda tinha lá muita mágoa porque a minha irmã foi ser professora lá e justamente ela pegou a classe em que eu era aluna, e não me dava dez. (risos) Se eu fazia um trabalho ela dava nove, nove e meio, oito, sete não me dava dez pra ninguém falar que, porque eu era irmã dela, ela corria e me protegia isso me fazia raiva demais. (risos) Aqui, eu fiz, eu saí da, do grupo com 12 anos porque interrompendo muito, né, de Vespasiano pra Santa Bárbara, Santa, terminei com 11 pra 12 anos e fui estudar na Escola Normal que hoje é o Instituto de Educação. É, eu não tinha 14 anos e precisava ter 14 anos eu usava ainda sabe esse cachos assim? (faz gesto com as mãos) eu usava esses cachos.

V.: Cabelo todo cacheado.

L.: É, até hoje tô aí me enchendo.

V.: Bonito. (risos)

L.: (gagueira) cachos, mamãe fazia aquela porção de cachos e eu ia pra escola e as outras que entravam eram com 14 anos, era a idade permitida. Papai arranjou uma certidão falsa (risos) mas ele era muito honesto (risos) quando ele falava que era honesto, eu falava, não é não, arranjou uma certidão falsa pra mim.

G.: A senhora começou ler aos 5 anos poderia entrar com 14, né?

L.: Então, eu fui pra lá fiz o primeiro, o segundo, o terceiro ano. Quando eu fui fazer o quarto que era o último o papai foi para Barbacena, lá fui eu para a escola de Barbacena, quer dizer estudei três anos aqui e me formei em Barbacena, fiquei lá é, foi em 1927 eu tinha 17 ano, foi 17? Foi, ah! esqueci, eu interrompi um ano porque, esse pedaço eu esqueci, quando o papai veio de Vespasiano, não como é que foi? Olha eu estou esquecendo. (interrupção da fita) Viam a vida gente, então o papai com o meu cunhado resolveu que eu iria morar com eles para não perder mais um ano, então esse 2º ano eu já tive morando com a minha irmã aqui, no, no fim do ano o papai veio pra cá aí eu estudei o 2º, eu fiz o 1º [fazendo] um ano, fiz o 2º, o 3º aí é que eu fui para Barbacena. Eu dei pelo histórico porque eu falei que terminei com 17 e era para terminar com 16 pra 17 mas eu falhei. E naquele tempo não usava muito curso superior, não vocês sabiam disso? É, eu me lembro que papai tinha uma família amiga e a filha dele Anita foi fazer medicina, foi tão comentado mas foi uma, uma (inaudível)

G.: Que comentário que as pessoas faziam?

L.: Que medicina não era para mulher, que curso, é, essas bobagens todas. E eu terminei o curso normal lá em Barbacena o papai aí já vinha pra Belo Horizonte, para mudar para Belo Horizonte e eu falei: “olha papai eu quero trabalhar eu não vou ficar sem trabalhar”, o meu irmão, eu tinha um irmão aí eu já tinha um irmão casado aqui e ele escreveu para o papai que ia haver um concurso no banco Comércio Indústria, primeira turma de moças que iam trabalhar em banco, e se eu não queria fazer o concurso; eu não sabia nada de datilografia, e fui pra casa dele e fiquei 25 dias, houve o concurso eu fiz, passei e trabalhei no banco, 3 anos, a dona Vitália Campos que era diretora do grupo Olegário Maciel onde eu havia feito o primário pediu pra eu ser professora lá.

G; Na Olegário Maciel!

L: Naquele tempo não havia concurso; as diretoras é que escolhiam as professoras. Então eu deixei o banco e fui ser professora na Olegário Maciel, lá eu lecionei acho que dez anos eu já estava casada, já tinha os dois filhinhos, meu marido foi removido para o Rio de Janeiro. Eu falei; “ôh meu Deus do céu aí pedi 4 anos de licença sem vencimentos, né”, e fui para o Rio, lá eu fiquei 10 anos sem trabalhar, 10 anos ele

voltou pra cá. Eu fui trabalhar aí eu falei como é que eu vou fazer para trabalhar, vou voltar para ser professora e fui procurar eu tinha uma amiga, muito amiga que tinha sido vizinha toda vida, da família do Abgar Renault, então ela foi lá comigo ele disse, “olha eu sinto muito, vocês querem que eu conte minha vida, né?” Tá eu sinto muito, eu tô falando demais.

G: É isso mesmo.

L.: [Abgar Renault disse]: “Eu sinto muito mas eu não posso dar a ela o lugar de professora outra vez, porque agora é por concurso e tem muitas concursadas esperando vaga e além... pra ela entrar ela tem que fazer concurso”. Eu fui achei, e falei: “ah! doutor, eu fui professora 10 anos ou mais e vou precisar de fazer concurso pra ser professora primária?” Ele disse “infelizmente tem, mas eu vou lhe dar um cartãozinho e a senhora procura o doutor Baeta Viana, é Baeta Neves ou Viana?”

V.: Viana.

L.: Baeta Viana que é secretário de saúde, né, cheguei, eu escrevia à máquina quando estava na escola, tinha 20 anos que eu não pegava numa máquina 10 como professora, e 10 morando no Rio. Cheguei lá ele disse, leu o cartão ele disse mas afinal o que a senhora deseja? Eu falei, doutor eu preciso trabalhar, ele ficou assim, em que? No que o senhor puder arrumar pra mim, ele disse quais são as suas credenciais? Eu falei meu Deus parece até que eu estou querendo ser secretária da [ONU], eu falei bom. aí falei, não, não falei tudo assim não, né, que eu mudei pra lá, mudei pra cá, falei que tinha o curso de professora, que tinha trabalhado tantos anos, que lecionei 5 meses no Izabela Hendrix [Instituto Metodista Izabela Hendrix], aí ele perguntou é datilógrafa? Eu, falei 20 anos, eu pensei comigo 20 anos, eu vou mentir aqui que eu sou, falei sou, o senhor sabe, eu estou um pouco destreinada porque há tempos que eu não trabalho mas eu sou datilógrafa, ele disse assim a senhora espera que eu mando qualquer notícia pra senhora e eu fui para casa. Aí eu tinha vindo do Rio, né, estava mudando para a Serra [bairro de BH] e estava lá com uma empregada que eu nunca vi com uma manga arrancada, aqui tudo (faz gesto com as mãos). Quando meu irmão chegou de carro e falou assim ó tem um, um cartão de um doutor Baeta Viana, precisava apresentar-se na Escola de Enfermagem, pra você apresentar-se na escola de enfermagem até meio dia, restavam 20 pra meio dia, eu estava fazendo a arrumação da casa toda (inaudível) nem

banho eu não tomei (risos) toda, para não chegar atrasada. Eu estava de luto da minha mãe isso foi em 49 eu estava com 48, quarenta e, eu estava com 39 anos eu cheguei, fiquei sentada, quem estava sentada lá era Altamira, mas Altamira era, é prima da dona Rosa vocês sabem, né?

V: Não.

L: É prima da dona Rosa e a Altamira estava esperando a nomeação, sabe eu fui pra lá cumprimentei, sentei, tive a sorte que a diretora a única diretora que valeu a pena na Escola de Enfermagem era a irmã Helena Maria Villac, já ouviu falar dela?, era um espetáculo, apesar de ser irmã (risos) era, era uma criatura aberta, sincera, sabe, e alegre era ela. Quando eu estou sentada lá na sala ela entrou, ela era grande, alta, bonita, sabe, ela entrou e foi lá pra secretaria, na sala [pegar] e daí a pouco chegou uma moça, pra trabalhar? Eu só ouvi quando ela falou, olha minha filha eu poderia arrumar um emprego pra você mas o doutor Baeta Viana já me mandou uma candidata, uma viúva que está aí na sala, eu falei ai meu Deus do céu tadinho do meu marido (risos). Quando a moça saiu eu fiquei assim aliviada, ela falou assim a senhora é a candidata à secretaria da escola, eu falei assim, eu fiquei sem saber que vocês pediram porque eu não era (inaudível) como secretária nem nada, e falei pra secretária, não a secretária da escola, eu fui, virei e disse assim pra secretaria da escola, né, irmã. Para ela ver que eu não estava querendo, ela falou pois é, há muito tempo que a senhora é viúva? Eu falei, não irmã, eu estou de luto da minha mãe, ela falou ah, então desculpe, a senhora é casada, quantos filhos que tem? Conversou comigo, e falou assim, chegou lá me mostrou uma mesa, com uma máquina do lado, e eu lá eu cheguei sentei daí a pouco a dona Rosa chegou com um monte de provas e falou assim, por isso é que eu falou que não vou contar coisa boa da escola não.

V.: Nós queremos saber de toda a verdade, (risos) queremos saber de toda a verdade boa e não.

L.: A dona, a dona Rosa chegou e me deu um maço de prova assim, e falou assim, olha aqui a senhora arquiva essa, essas provas nos prontuários das meninas. Eu fiquei assim é a mesma coisa que eu falar pra você vai lá no meu quarto, peço um vestido, eu falei sim senhora aí eu cheguei para Altamira e disse escuta você pode me fazer um favor de dizer onde um posso arquivar essas provas? Ela disse por aí (risos). Tô perdida, aí



tinha uma, uma sala assim, uma porta eu entrei e vi uma porção de arquivos. Então, abri arquivo por arquivo, né, quando eu abri uma gaveta eu vi umas pastas azuis com o nome dos meninos, abri era a, as provas que estavam lá, eu falei bom é aqui aí arqueei as provas, graças a Deus arqueei. No dia seguinte, nesse dia foi só isso que eu fiz, no dia seguinte, não, minto assim que não tinha serviço eu peguei uma folha de papel e fui treinando na máquina, sabe? No dia seguinte a irmã Villac chega com um calhamaço assim (faz gesto) e fala olha a senhora bate esse relatório pra mim eu embarco às 5 horas para o Rio e quero ele pronto. Minha filha, eu tive vontade até de chorar que eu falei eu não vou saber bater isso não, né? Mas Deus é bom ajuda a gente, eu pus a 1ª folha foi com um pouco de dificuldade Deus me ajudou e eu fiz o relatório, dei conta foi assim que eu entrei para a escola, pra secretaria.

G.: A escola funcionava onde nessa época? Que local que era a escola?

L.: No Hospital São Vicente de Paulo. Era uma sala, duas salas que o hospital cedeu pra gente trabalhar porque a escola tinha passado para Faculdade de Medicina, como na Faculdade de Medicina não tinha lugar eles arranjaram, quando eu, antes nós, nós, era na rua da, da Bahia com Bernardo Guimarães, não é? Dali é que nós fomos para o São Vicente por causa da medicina, da Faculdade de Medicina.

V.: A senhora se lembra antes ou ouviu alguma história que quando a escola funcionava na, na, na rua da Bahia, antes da irmã Villac chegar, sobre a Waleska Paixão alguma informação?

L.: Não foi do meu tempo.

V.: A senhora não sabe de nada daquela, época quando ela saiu daqui.

L.: Não, não sei, só sei que ela era muito católica, né, muito religiosa mas não posso informar nada sobre ela.

V.: Por que ela saiu a senhora não ficou sabendo.

L.: Também não, eu entrei depois dela. Eu não estou falando que eu não vou servir?

G.: Antes de, antes de é, da senhora ir pra essa Escola de Enfermagem a senhora é, sabia qual que era a função da enfermeira na época, a senhora já sabia da existência de cursos de enfermagem?

L.: Não, eu não sabia de nada. Só fui mandada para a Escola de Enfermagem e não tinha o relacionamento nenhum com as alunas porque elas moravam na Serra [bairro de BH] na rua Estevão Pinto.

G.: Lá na Serra a senhora tinha notícia de como funcionava lá esse internato, que tipo de...

L.: Olha eu só conversava com dona Rosa, assim mesmo nos primeiros dias ela ficou meio arredia, sabe? Mas eu não sei se é porque eu sou muito alegre, vivo rindo, não levo em consideração (inaudível) eu conversava e no fim nós somos grandes amigas como sou da família também. (risos)

G.: Foi só o início, né, foi só o início na hora de começar o relacionamento é que...

L.: É o negócio foi no início eu tenho a impressão, nunca comentei com ninguém, eu tenho a impressão que a família ficou sentida porque eu fui trabalhar no mesmo cargo que ela tinha e junto com ela, eu acho que ela ficou assim, não sei se enciumada, ou com medo de perder o lugar, porque eu fui indicada pelo secretário e ela foi levada pela dona Rosa, entende? Eu não sei, mas foi só no princípio, depois ela era amiga delas todas também eu sou muito sem vergonha (risos) fico amiga de todo mundo.

V.: Dona Lygia, a senhora falou no início que a irmã Villac perguntou se a senhora estava.

L: Viúva.

V: Viúva de quanto tempo por que? Por que ela perguntou que a senhora estava viúva?

L.: Porque eu estava toda de luto.

V.: Ah, sei. Luto pela, pela mãe. [telefone tocando]

L.: Pela minha mãe, naquele tempo a gente usava preto, né?

V.: Muito tempo.

L.: É, um ano, e como a minha era uma criatura maravilhosa..., mesmo que não fosse, era mãe. (inaudível) além de ser mãe era uma criatura maravilhosa, é o, eu me senti mesmo naquela necessidade de demonstrar que eu estava triste como se precisasse, porque eu posso estar muito triste, com o coração triste e dá uma risada, você me contar uma anedota e eu ri o meu gênio é esse, sabe? É por isso que ela perguntou se eu era viúva, agora vocês perguntam porque eu já falei!

G.: Tá, fala mais pra gente é logo a seguir desse início da senhora na escola, que tipo de trabalho que a senhora continuou fazendo, quem que eram os outros funcionários, como que continuou sendo o relacionamento da senhora com esses funcionários, com a diretora?

L.: Bom, bom eu continuei fazendo o seguinte, tinha escala das aluna, você é aluna?

Não, você foi aluna. Você é aluna sabe [Interrupção a pedido da entrevistada]

Trabalhávamos eu e Altamira só na secretaria.

G.: Como que era esse serviço, que tipo de serviço que a senhora tinha?

L.: Fazer o meu era a correspondência toda da escola. Quando era a, a, a irmã, deixe falar uma coisa que não está gravado não, né? (inaudível)

V.: Eu vou desligar [Interrupção da fita]

L.: Foi trabalhar lá Marina Resende, que ela disse Marina de Andrade Resende, uma família muito conhecida aqui, era uma criatura especial, sabe, uma mulher muito inteligente, muito culta ela fez o curso no exterior e, e tenho impressão, eu tenho quase certeza que ela cursou em Sorbonne também, sabe? E ela sentava na minha frente e nós ficamos muito amigas, ela, eu tenho até hoje um porta perfume que ela me deu, era uma criatura extraordinária. Mas, o serviço da escola, por exemplo, fazia a escala, levava o resumo eu batia e punha no quadro. Toda correspondência desde o ministro, o presidente até o servente se precisasse, sabe, era eu, eu fazia toda a correspondência isso não está gravado não, né? Se tiver também isso aí não mal porque... (inaudível)

G.: As alunas também tinha as corres, as correspondências das alunas?

L.: Não correspondência da escola, das alunas não, as alunas ficavam gostando muito de mim, eram todas muito minhas amigas, sabe? Até que foi nós tivemos uma diretora por pouco tempo, as outras já devem ter falado nelas, né?

V.: Depois da irmã Villac veio a irmã Fiúza.

L.: Irmã Fiúza, depois da irmã Fiúza.

G.: A irmã Clarízia.

L.: Irmã Clarízia, tá ligado?(referindo-se ao gravador)

V.: Fala um pouquinho pra gente sobre irmã Fiúza, como, como é que era a diferença entre ela e a irmã Villac por exemplo?

[FINAL LADO A]

L.: Irmã Fiúza é uma boa também, era boa não, era má. A irmã Villac era mais expansiva tinha mais vivência já tinha estado no exterior, sabe como é? Então a irmã Villac era mais... mais preparada, mais.

V.: E a irmã Clarízia?

L.: E mais e tinha psicologia também, sabe, depois que a irmã... como é que chama?

V.: Clarízia que [veio] Emília Clarízia.

L.: É depois dessa veio a irmã Emília Clarízia. A primeira impressão dela que eu tive foi péssima porque ela chegou na sala olhou assim, e voltou depois não se foi no mesmo dia, ela virou, ela chegou e disse quem faz a correspondência? Altamira como sempre disse dona Lygia. (risos) Então, ela falou assim eu quero que a senhora faça uma carta pra mim para todas as escolas, para todas as autoridades comunicando que eu assumi o cargo de diretora da escola, eu falei sim senhora. E bati, mas terminei assim, é, falei tudo, né, que ela (inaudível) terminei assim, “contando com a colaboração de V. Sa. e aguardando as suas ordens subscrevo-me atenciosamente irmã Emília Clarízia” ela leu e foi passado um tempo não sei se foi tarde ou no outro dia ela chegou com uma folha de papel, quem bateu essa carta, quem escreveu essa carta? Eu falei, fui eu a senhora deu a mim para bater, ela disse, ela disse então, a senhora vai fazer outra, porque eu não vou mandar essa carta. Eu já tinha feito todas as cartas aí eu peguei a carta, dá licença (faz gestos) peguei a carta eu falei gente, será que teve algum erro de português, modéstia parte achava que não era possível porque a gente, a primeira carta pra um diretora nova, a gente ainda tem mais cuidado, né? Olhei, olhei, olhei, olhei e não achei nada e falei assim, é com licença irmã Emília porque é que eu tenho que bater outra carta, eu não estou dizendo aqui que a senhora assumiu a direção da escola? Ela foi falou assim a senhora vai bater outra carta, pegou um lápis vermelho e riscou, porque a senhora disse “e aguardando as suas ordens”, e ninguém me dá ordem. Eu caí das nuvens, falei que mulher feliz que ninguém dá ordens, hein! Eu tive vontade de perguntar ela nem Deus? Mas, sou mesmo mal criada de vez em quando. (risos) Fiquei, foi uma decepção quer dizer a primeira impressão que eu tive da irmã Clarízia.

[FINAL LADO A]

## LADO B

L.: Pouco educada porque só de passar aquele traço vermelho, pouco educada e não tive boa impressão dela e quiçá ela durante, e nós agüentamos tantos anos você ficou sabendo?

V.: Cinqüenta e seis a, cinqüenta e três parece a... sessenta? Espera um pouquinho aqui.

### [INTERRUPÇÃO DA FITA]

V.: ...oito anos... de setembro de 57 a dezembro de 65.

L.: É mas em 70...

V.: Ela já não tava mais lá.

L.: Não, ela já não estava lá mais.

V.: Até 65.

L.: O quê?

V.: Que ela ficou na escola.

L.: Não, quando eu saí, é?

V.: Era a irmã Carmem.

L.: Quando eu saí era quem?

V.: Depois da irmã Clarízia foi a irmã Carmem, depois da irmã Carmem a direção ficou com Carmelita.

L.: Ah, essa irmã Carmem eu não tô me lembrando não.

V.: Não? ... Não... foi pouco tempo depois da irmã Clarízia um pouquinho de tempo só.

L.: De maneira que da irmã Clarízia eu não tenho nada que falar, só isso.

G.: Hum, hum. E outras colegas de serviço além da Altamira, senhora, outros funcionários da escola?

L.: Não, na secretaria, ah os outros funcionários eram todos ótimos, a, as professoras eram ótimas, as, as, todos, os serventes todos eram ótimos, graças a Deus eu era amiga de todos e todos meus amigos, sabe?

V.: A senhora ficava mais, não só, na secretaria, no Hospital das Clínicas, lá Serra a senhora não ia?

L: Não.

V: Só a rela, o relacionamento com as alunas eram só na secretaria, e dentro do hospital.

L.: Era só na secretaria, assim mesmo assim. Depois nós fizemos a Escola de Enfermagem.

V.: Conta pra gente essa história da construção da, da escola.

L.: Essa construção da escola já contaram a vocês o caso da medalhinha?

L: Não?

V: Não.

L: A irmã Villac tinha muita vontade de ter o prédio próprio, sabe, e um dia, tinha um terreno perto lá no fundo perto do Pronto Socorro, entre o Pronto Socorro e a Faculdade de Medicina tinha um terreno lá. Um dia ela foi passando tirou uma medalhinha acho que de Imaculada Conceição, eu não vi, quem estava com ela, as pessoas que estavam com ela me contou, me contaram e ela também me contou. Ela pegou a medalha beijou, jogou e disse assim dá pra nós esse lote pra fazermos a nossa escola, não sabia disso não?

V.: Não.

G.: Não sabíamos.

V.: Fato novo.

L.: Pois é, não demorou muito tempo, eu não sei se pertencia à Faculdade de Medicina ou à secretaria, ela ganhou o lote e a escola foi construída, sabe?

G.: A escola começou a ser construída foi com a irmã Villac?

L.: Foi com irmã Villac.

G.: E a senhora lembra da, da, da primeira planta, de como é que foi essa construção, de onde que veio o recurso financeiro, como é que foi isso?

L.: Bom, isso eu não posso, eu não sei se foi a secretaria ou, a Faculdade de Medicina.

Agora ir lá, acompanhar a construção tudo eu não fui.

V.: Quem ia?

L: Ham!

V: Quem ia, quem acompanhava a construção da escola?

L.: Ah, bom [gagueira]a irmã Villac era uma potência, né, ela dava muita assistência mas eram os engenheiros mesmo e tudo.

V.: No tempo da irmã Clarízia ela também acompanhava essa construção?

L.: Não, irmã Clarízia quando entrou já foi pra lá, pra essa escola construída, ah não, mentira (risos) foi lá no Hospital São Vicente.

G.: Como é que foi a mudança para a escola, a senhora chegou a mudar para a escola construída [sobreposição de vozes], por exemplo, como é que foi essa mudança?

L.: Mudei, trabalhei muito tempo lá. Agora eu estou pelejando para saber, a carta foi no São Vicente, [novo] foi irmã Clarízia conosco.

V: Certo.

L: A irmã já tinha se mudado daqui, ela que era diretora.

G.: Como que foi essa inauguração, como é que foi essa inauguração, as alunas foram para lá, aí vocês saíram, né, da...

L.: Não as alunas do internato?

G.: É, o internato começou a funcionar lá.

L.: Começou, mas, mas não foi nos primeiros dias não, eu, eu por isso é que eu não queria (risos).

V.: Não tem importância não.

L.: Não foi nos primeiros dias não, mas eu não sei quando elas foram pra lá.

V.: A senhora lembra das alunas lá?

L.: Lembro.

G.: Como é que era lá o internato independente da época que foi?

L.: As alunas moravam nos andares de cima, embaixo tinha só a secretaria, a capela, e outras secretarias e outras salas lá que eram ocupadas por professoras, né, professoras. As professoras eram: Daura era uma delas, dona Rosa, Carmem Mesentier e quem é mais? Agora...

G.: A senhora, senhora lembra de professores da Faculdade de Medicina dando aula pra enfermagem?

L.: Professor?

V: É.

L.: Os professores davam aula lá, davam aula mas eu não estou me lembrando o nome deles não.

G.: Não importa, não importa.

L.: Eles lá, eu me lembro do Dr. Fattini esse eu lembro muito, me lembro acho que é só.

G.: Como que foi a mudança do serviço da senhora, com essa mudança da escola?

L.: Nenhuma continuou o mesmo, era a secretaria, (inaudível) secretaria tinha um banheiro pra nós, tinha a sala da diretora e nós ficávamos na secretaria, agora a secretaria tinha a entrada da escola, tinha um balcão então quem chegava e queria falar com a gente, chegava no balcão.

V.: Quem trabalhava nos, no balcão, quem ficava lá?

L.: Ninguém, as pessoas chegavam e naturalmente a gente olhava, né, uai.

### [INTERRUPÇÃO DA FITA]

G.: Mudando de escola, no prédio novo, a senhora lembra de algum caso interessante, de alguma situação assim diferente que tenha ocorrido nessa mudança?

L.: Não, não teve nada não.

G.: E as festas, a festa pra mudança, as solenidades que tinha lá, que festas que a escola comemorava?

L.: Não teve não.

G.: Não teve festa de inauguração?

L.: Não, não me lembro.

V.: Das formatura... Me perdoe, das festas de formatura também a senhora trabalhava nessa parte?

L.: Trabalha... não eu não saía da secretaria, sabe, eu num, num (inaudível) agora tinha comemorações de aniversário da escola, mas coisa simples festa mesmo, não.

V.: E, e com as alunas, as alunas freqüentavam a secretaria no prédio novo, que tipo de relacionamento a senhora tinha com elas, que demanda que elas davam pra senhora de trabalho?

L.: As alunas não me dava trabalho nenhum, só a diretora.

V.: Que tipo de trabalho que...



L.: Agora eu fazia a mesma coisa, correspondência e as provas das alunas eu fazia mapa de notas pra pôr no, no quadro negro, fazia a escala, sabe, para pôr no quadro negro.

V.: De estágio?

L.: Es, é estágio de trabalho [sobreposição de vozes]

V.: Escala de estágio de trabalho.

L.: De estágio, e, a era tudo assim.

G.: Alguma situação de alguma aluna expulsa, alguma aluna foi expulsa na época da senhora, foi mandada embora?

L.: Não, que eu me lembre não.

V.: Algum problema mais sério com alguma delas, de disciplina?

L.: Não, não, não me lembro.

V.: Não? ...não... algum problema assim que envolvesse a diretoria?

L.: Não me lembro não. E, e o que eu fazia também muito era eu ajudava muito as professoras a bater, elas faziam o rascunho de qualquer trabalho e eu datilografava pra elas.

V.: Que tipo de trabalho? Científico não ou trabalho pessoal?

L.: Pessoal (risos)

V.: Ah, eu, eu pensei que poderia ser trabalho de pesquisa para apresentar...

L.: Não [por que]. Tá ligado? (referindo-se ao gravador)

V.: A senhora quer que desligue, eu desligo.

L.: Eu quero.

### [INTERRUPÇÃO DA FITA]

L.: Eu estava no balcão lógico que ela estava esperando alguém para atender, então (riso) quando aparecia alguma (inaudível) (risos) e eu não tenho paciência pra isso e depois achava uma falta de delicadeza e desconsideração, né, eu ia lá atendia as meninas, fazia o que elas queriam e tudo. Tinha um trabalho também muito enjoado de fazer que eram as enfermeiras formadas há muitos anos que precisavam do curriculum pra qualquer coisa, sabe, então era eu quem ia procurar pasta delas, o curriculum dela, e fazer, mas era um arquivo pequenininho, era mesmo muito difícil de procurar e de fazer, Altamira não fazia isso de jeito nenhum.

V.: Era chato, né, a senhora falou que fazia vários ofícios para as autoridades, que tipo de solicitação, o que se pedia às autoridades governamentais nesses, nessas correspondências?

L.: Olha pra secretaria às vezes ela pedia, um móvel, por exemplo, se tivesse muita necessidade pra escola, sabe, e se ia um, um se era nomeado um secretário novo, ou se era uma carta de parabéns de congratulações, e não era só pra secretários, pra secretário, para diretores de outras escolas, toda escola que formava e mandava convite, a res, respondia os convites e muita coisinha assim. [interrupção da fita]

G.: O relacionamento da escola com todas essas outras instituições, com os campos de estágios, com as secretarias, como que era o relacionamento da escola?

L.: Olha minha filha, o maior tempo que eu trabalhei, porque eu trabalhei de 1949, (...) é isso tudo ...

### [INTERRUPÇÃO DA FITA]

L.: Até 70 foi que eu trabalhei lá, e esse tempo quase todo foi a irmã Clarízia. A irmã Clarízia, ela tinha aquelas amizades, por exemplo, eu não tô lembrando o nome [Interrupção da fita] e, e eles faziam aquele grupinho, tá entendendo? Quando era uma coisa assim mais sigilosa, mais importante, mais assim não chegava na secretaria, você entendeu? É.

V.: Esse grupinho de trabalho?

L.: Não, grupinho de, de alunas, de recém, de recém, tem uma que é uma, que é uma.

G.: De professoras!

L.: Uma, uma muito boa, ela de Teófilo Otoni eu acho. Você lembra do nome de alguma?

V.: Depende da época.

L.: Já foram aluna, já morreram.

V.: Já, já, Iole e Vitória faleceram.

L.: É, moças, né? Depois teve a Nilza que era da Faculdade de Medicina, ela era, trabalhava na Faculdade de Medicina. Eu não sei o que aconteceu o motivo ela foi trabalhar na secretaria da escola e ela era assim, eu não pareço nesse fala, nesse falatório que eu estou, eu sou muito inibida, sabe, muito assim acanhada, inibida e não

gosto de por exemplo, se vocês três estiverem conversando, eu chego, saio sou incapaz de perguntar o que é isso, o que foi isso. A Nilza era mais aberta, mais [gagueira] coisa a Nilza acabou como secretária da escola.

V.: No lugar da senhora!

L.: No meu lugar, mas eu estou muito bem graças a Deus. (risos)

G.: A senhora falou que fazia os ofícios solicitando algum equipamento para a escola, algum móvel, a senhora lembra quando terminou o internato, pra onde que foram os móveis da escola?

L.: Eu já tinha saído, sei não.

V.: Não se lembra.

G.: Não se lembra dessa época.

L.: Eu já tinha saído.

V.: A senhora falou da, da de alguns professores falando-se da Marina, que outros professores que a senhora se lembra que tipo de atividade, ou relacionamento a senhora tinha com elas, com essas outras professoras?

L.: De atividade de trabalho?

V.: De trabalho, de, social.

L.: Bom, social era só aquele relacionamento da escola, trabalho é quando tinha algum... ô meu bem!

V.: Fique à vontade.

L.: Me perdoe. (risos)

V.: Fique à vontade.

L.: É, é que eu quebrei a rótula, de vez em quando eu tenho que pôr a perna assim, pra.

V.: Não tem problema.

L.: É, o, o relacionamento de amizade, de camaradagem mesmo era muito bom, com todas elas. Quando elas precisavam de alguma coisa, elas me pediam e eu fazia, em geral... e elas pediam, elas faziam por exemplo um trabalho, para apresentar para as alunas, eu batia esse trabalho, tá entendendo? Elas me davam o rascunho e eu batia.

V.: A senhora se lembra do tempo que, da desanexação, quando a escola saiu, ficou independente da medicina no tempo aí entrou a Carmelita, a dona Izaltina.

L.: Eu já tinha saído.

V.: A senhora lembra delas enquanto professoras, tipo de atividade que tinha, alguma coisa interessante, do tempo da Carmelita ou dona Izaltina?

L.: Não, não porque eu estava naquela, na ocasião mesmo de sair, sabe?

V.: A senhora, a senhora aposentou em 70? A senhora se aposentou em 1970, né?

L.: É, é, é a Carmelita não eu não estava lá, nem, nem sei se ela foi diretora, foi?

V.: Foi no finalzinho da desanexação.

G.: A senhora lembra de dificuldades que a escola enfrentava financeiramente, algum, a escola enfrentava dificuldades?

L.: Como é que é?

G.: A escola enfrentava dificuldades financeiras, a senhora lembra, tinha problema de finanças para pagar funcionário, para comprar material?

L.: Não, não, pelo seguinte nós fomos um pouco lesadas a escola, porque nós fomos anexadas à Faculdade de Medicina, mas o doutor Versiane não assumiu a escola e nós continuamos a receber pelo estado durante 5 anos como se fôssemos funcionárias do estado, era o estado que nos pagava, depois de 5 anos é que a reitoria começou a fazer o pagamento e pediu a irmã Emília Clarízia a folha de pagamento. Ela mandou a folha de pagamento mais atrasada que tinha, entende, com menores ordenados, então, eles se basearam nessa folha.

V.: E vocês perderam?

L.: Nós perdemos bastante, agora o que, o que eu tenho pra falar é só bobagem.

V.: Então fala as bobagens. (risos)

G.: Fala as bobagens.

L.: Eu já falei muito aí, você vai tirar não vai?

V.: Não, essas bobagens não tem problema não. (risos)

### [INTERRUPÇÃO DA FITA]

L.: Da irmã Clarízia houve um, um fato muito interessante eu sempre respeitei muito os superiores, e tratei com muita educação e tudo, e todo dia ela me dava a escala, o rascunho da escala pra bater e pôr no quadro. Um dia eu pensei assim (latidos de cão) dona (inaudível) tá demorando...

## [INTERRUPÇÃO DA FITA]

L.: ... aí a escala e nisso ela chegou e falou assim, dona Lygia a senhora ainda não pôs a escala no quadro. Eu falei irmã Clarízia a senhora não deu a escala para bater, como não dei? Eu tenho certeza que lhe dei essa escala. Eu então, comecei a procurar mais por atenção a ela pra ela não achar que eu não estava ligando, comecei, procurei na gaveta da, da máquina, procurei, tinha uns papéis em cima da mesa acho que era umas provas que eu estava arquivando, ela fez assim (faz gestos) espalhou tudo, sabe, ainda umas caíram pelo chão, eu falei assim irmã Emília eu acho que a senhora não me entregou essa escala, não. Ela disse, como eu não entreguei? Eu tenho certeza que eu entreguei a senhora trate de procurar essa escala e os hábitos além daquela saia rodada, ainda tinha um avental rodado ela então se levantou. Ela, a irmã Clarízia disse assim eu tenho certeza que lhe dei essa (gagueira) essa escala a senhora que perdeu ela. Olha, eu não era mais uma menina de 18 anos, num, 15 anos, e eu modéstia parte era muito compenetrada no meu trabalho, levava, tinha muita responsabilidade. Aí ela levantou-se e falou assim é quando o diabo mete o rabo não tem jeito mesmo não, sabe, deu aquela vira volta o avental dela espalhou tudo que... (risos)

V.: ... tinha em cima da mesa.

L.: Minha filha eu procurei, eu rezei, eu sei que eu, eu rezei não para achar, porque eu tinha certeza que ela, que não estava comigo, pra ela se lembrar de que não me deu. Quando faltava poucos minutos para as meninas irem olhar no quadro o estágio delas eu falei eu vou ter que falar com a irmã Emília outra vez. Então, ela estava conversando com doutor Versiane [Caldeira] que era o diretor dela, porque ele era o diretor da faculdade, a escola pertencia a faculdade, então ele era superior a ela, eu cheguei na porta ela olhou, eu falei dá licença irmã Emília. Ela disse, pode entrar, eu fui falei: irmã Emília eu tenho a impressão que a senhora quis me entregar a, a tabela, ...escala, ...a escala, a escala mas com certeza a senhora foi fazer outra coisa e não entregou. Ela disse como eu não entreguei? Doutor Versiane olhando, eu falei assim porque eu já procurei de todo jeito. “Ô dona Lygia a senhora perdeu essa escala porque olha”. Pode abrir esse livro?

V.: Pode.

L.: Porque olha eu tenho certeza que todos os dias eu faço a escala, e ponho aqui ó” (bate na mesa para demonstração). Quando ela fez assim a escala estava lá, ela fez, ela reparou ficou assim, disse assim: “é realmente eu esqueci de entregar a, a escala tá aqui”, eu olhei, olhei para o doutor Versiane ele fez um sorriso pra mim e eu saí e ela ficou com uma cara de todo tamanho, mas tem horas que parece que um espiritozinho mal entra na gente, né, eu falei tá bem irmã Emília então, eu vou bater agora com toda delicadeza, mas enquanto eu fui da mesa dela para minha sala e o sangue subiu. Quando eu cheguei na porta, eu (gagueira) cheguei o rosto assim, no portal e falei irmã Emília, ela disse, senhora. Eu falei dessa vez o diabo não meteu o rabo só não ela meteu o chifre também. (risos) Ela, ela falou, é acontece, eu soube que o doutor Versiane perguntou não sei a quem porque eu tinha dado, contaram pra ele (risos) Mas quando eu cheguei em casa e contei meu marido ele falou minha filha, eu falei ó eu já, eu falo (inaudível) nós vivíamos muito bem graças a Deus e brincava muito, eu falei, eu falo com você todo dia não desperta o leão que tá aqui dentro não que ele acorda. (risos) O leão acordou, eu não devia ter feito aquilo, né. Mas quando eu me vi, Valda eu já tinha feito. Você é Geralda, né, eu já tinha falado Geralda. Ah, mas...

G.: Tem hora que não tem jeito.

L.: ... eu vou contar, sabe quando a gente faz uma coisa que na hora a gente fica arrependida achando que cometeu um erro muito grande, mas que depois que passa a gente sente um alívio e dá graças a Deus de ter feito? (risos) Ah. mas eu falei...

G.: E depois que aposentou, o que de bom ficou da escola, o que ficou de ruim algumas lembranças, alguma coisa de boa?

L.: De boa ficaram as amigas que eu deixei, as professoras todas muito boas, as alunas todas minhas amigas, elas chegavam lá no balcão, fazia assim, dona Lygia tô bonita (risos) quando elas iam sair, sabe, eu falava: tá linda [quando iam sair]

V.: Elas saíam muito, as alunas?

L.: Saíam, saíam quando não tinha aula, não tinha nada para fazer.

V.: Não era proibido?

L.: Não elas saíam

V.: (inaudível)

L.: É, elas saíam e eram muito minhas amigas, muito mesmo, as serventes eram muito minhas amigas, o senhor Geraldo que foi um servente lá toda vida me deu um menino para batizar, eu e meu marido e eu morro de paixão porque ele já faleceu, a mulher dele. E eu me comunicava com o filho dele chamado Antônio que, por intermédio de um vizinho, o vizinho é que tinha telefone, o Antônio mudou de lá, não me deu o telefone, meu afilhado não aparece e eu fico naquela, com aquela dor na consciência, sabe, que o senhor Geraldo deu com tanto gosto, nós recebemos e eu não sei do meu afilhado. E agora tem mais alguma coisa?

G.: Na época a senhora lembra, teve algum aluno do sexo masculino nessa época da senhora, algum homem?

L.: (inaudível) teve, muito bom, muito educado e muito esforçado também.

V.: A senhora lembra o nome dele?

L.: Não.

G.: O que mudou pra senhora em termo de enfermagem, a senhora entrou pra escola a senhora nem sabia o que era enfermagem, hoje como que a senhora vê, como é que é a enfermeira?

L.: Eu vejo a enfermeira com uma admiração, uma dignidade, e vou falar uma coisa, primeiro eu vou me elogiar, eu sou caridosa quando tem algum doente eu tenho todo cuidado não me esqueço dos remédios, não me esqueço de nada, trato muito bem, mas eu não seria enfermeira.

V.: Por que?

L.: Ah, é muito sacrificante, é muito sacrificante eu tenho a casada com o meu neto ela é enfermeira da Previdência, a Renata, ela é até não sei o que, pode ser que seja dando, não sei é supervisora uma coisa assim, sabe, trabalha lá há muito tempo. Eu vejo gente o sacrifício dela, como ela faz, às vezes ela, eu acho, eu acho muito sacrificante e eu tenho muita pena dos doentes eu não posso ver um, uma pessoa assim eu acho que...

V.: Sacrifício como que a senhora vê?

L.: Sofrimento de ver pessoas sofrer de ter vontade de dá saúde a ele de repente e não poder é isso que eu acho. Eu acho que as enfermeira sofrem muito.

G.: E a vida de aposentada, a senhora aposentou-se, trabalhou a vida inteira, né, muito dessa vida na escola, e depois de aposentar, o que a senhora anda fazendo?

L.: É, não quando eu trabalhava, eu pensava assim quando eu me aposentar eu vou visitar minhas amigas, eu vou à Matinê, eu vou ao Rio ver meus parentes, ia fazer muita coisa mas o meu marido teve uma trombose e afetou a fala ele era lúcido, andava, se alimentava era normal mas não falava, só eu entendia porque casada há tantos anos a gente entende só no olhar, né? Então, eu tinha pena de sair e fiquei em casa ele já era aposentado, fiquei em casa fazendo companhia ao meu marido não fui a lugar nenhum.

V.: E hoje, atualmente?

L.: Atualmente, o meu marido faleceu em 82, quando foi há 4 anos atrás eu fiquei lá com a empregada eu na minha casinha lá, na minha mansão. Uma casinha simples, na mansão na rua Caraça, hoje tem um prédio maravilhoso e você não sabe de um coisa, a serra inteira fala o prédio da dona Lygia. (risos)

V.: A senhora foi uma moradora famosa do bairro da Serra, né?

L.: O prédio da dona Lygia. O que você me perguntou?

V.: O que a senhora faz atualmente, a vida atual.

L.: Ah, quando eu tive, eu tive numa, eu tive eu não sei o que eu tive se foi pneumonia e estava internada no Prontocor e o médico me deu um remédio, fui pra casa sarei, fui pra casa. Quando eu voltei para o exame de rotina, deitei lá, (inaudível) médico doutor Raimundo Marques, conhece Nascimento? É cardiologista, ah não eu tava internada, não isso foi antes por causa do meu genro, quando eu me deitei lá pra tirar o eletro ele olhou o meu pé que tem mania de apertar os dedinhos.

**[FIM LADO B]**

**[FINAL DA ENTREVISTA]**



## **Ficha Técnica**

**Data das entrevistas:** 25 de junho de 1997

**Local:** Residência da entrevistada

**Número de Fitas:** 01

**Duração da Entrevista:** 60 minutos

**Entrevistadores:** Geralda Fortina dos Santos

Valda da Penha Caldeira

Sílvia Elisângela Silva Fernandes

**Conferência de Fidelidade:** Geralda Fortina dos Santos

**Traços Biográficos:** Geralda Fortina dos Santos

**Sumários:** Geralda Fortina dos Santos